

farol

Biblioteca Setorial do Centro de Artes – Universidade Federal do Espírito Santo

FAROL – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes – número 14 – Vitória : Centro de Artes/UFES, Dezembro de 2015.

Semestral

ISSN 1517 - 7858

1.Artes – Periódicos . 2. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes.

CDU 7 (05)

ISSN: 1517 - 7858

farol

Dezembro de 2015 – número 14, ano 11
Centro de Artes – Universidade Federal do Espírito Santo

FICHA TÉCNICA

“A Revista Farol é uma publicação do programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.”

Editores

José Cirillo

Ângela Grandó

Projeto Gráfico

Vinicius Caus

Capa e Editoração

Vinicius Caus

Rodrigo Hipólito

Imagem da capa

Tom Boechat, Sem título, *Série Toquiotas*, 2005

Editora

Centro de Artes

Universidade Federal do Espírito Santo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Centro de Artes

Campus universitário de Goiabeiras

Av. Fernando Ferrari, 514, CEMUNI I – Vitória, ES

CEP 29.075-910

lab.artes.ufes@gmail.com

Reitor

Reinaldo Centoducatte

Vice-Reitora

Ethel Maciel

Diretor do Centro de Artes

Paulo Vargas

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Ricardo da Costa

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Emerick Neves (PPGA-UFES)

Profa. Dra. Almerinda Lopes (PPGA-UFES)

Profa. Dra. Angela Grandó (PPGA-UFES)

Profa. Dra. Cecília Almeida Salles (PUC-SP)

Profa. Dra. Diana Ribas (UNDS, Argentina)

Prof. Dr. Dominique Chateau (Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne)

Prof. Dr. Gaspar Leal Paz (PPGA-UFES)

Profa. Dra. Gisele Ribeiro (PPGA-UFES)

Profa. Dra. Isabel Sabino (FBA-UL)

Prof. Dr. José Cirillo (PPGA-UFES)

Prof. Dr. Luis Jorge Gonçalves (EBA-UL)

Profa. Dra. Maria Luisa Távora (EBA- UFRJ)

Profa. Dra. Maria de Fátima M. Couto (IAR-Unicamp)

Profa. Dra. Monica Zielinsky (PPGAV-UFRGS)

Profa. Dra. Pilar M. Soto Solier (Univerdidad de Murcia, Espanha)

Prof. Dr. Raoul Kirchmayr (Universidade de Trieste, Itália)

Profa. Dra. Teresa Espantoso Rodrigues (FFL-UFBA)

Profa. Dra. Teresa Fernanda Garcia Gil (Universidad de Granada, Espanha)

Prof. Dr. Waldir Barreto (DTAM-UFES)

Apresentação

A Revista Farol chega ao seu décimo quarto número e mantém sua natureza intercomunicante. A revista nasce de um interesse em convergir os esforços de parceiros das mais diversas localidades com contribuições que identifiquem e correspondam a olhares genuínos sobre a atualidade artística brasileira e internacional. Neste sentido, nos últimos anos, temos encontrado constante apoio em diversos pesquisadores ligados ao grupo de universidades brasileiras que se dedicam à pesquisa em artes, assim como a caros investigadores de outros programas de Pós-graduação em Artes fora do Brasil, como da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, das Universidades de Granada e de Murcia e da Universidad de Buenos Aires. A estes, juntam-se agora colaboradores da França e da Itália, os quais nos auxiliam na formação desta rede de pesquisas, que tem em comum o debate sobre a condição da arte e a reinterpretação de diferentes momentos de sua História e de sua Crítica.

No presente número, um conjunto de dez propostas constrói um arco de possibilidades em torno de processos poéticos e de diálogos de naturezas multifacetadas que brotam das realizações contemporâneas. No ensaio “La réception de l’art à l’ère du post-art”, Dominique Chateau, filósofo e professor da Universidade de Paris 1 – Panthéon Sorbonne, retoma um assunto deveras importante sobre as mudanças nos fluxos paradigmáticos das expressões artísticas, sobretudo a partir do que se convencionou chamar de período da pós-arte. De fato, as tensões entre a defesa irrestrita dos valores artísticos e sua recusa deliberada inquieta críticos e agentes do campo cultural. Em seu artigo, Chateau interroga atentamente a recepção de tais transformações e analisa, através da observação de certos registros, – o da obra, do artista e do público destinatário – a incidência de circunstâncias novas e imprevistas. É o caso da “ambiguidade” que assola certas produções contemporâneas, desde os seus múltiplos sentidos e significações até a forma de suas manifestações. Outro ponto importante é o abandono, pelo artista, de um posicionamento hierárquico em face do receptor. Assim, a noção de habitus, ou seja, as disposições adquiridas pela experiência e, por conseguinte, variáveis segundo as intuições de espaço e tempo, será aqui reinterpretada pelo autor.

Em diálogo com esse discurso, o artigo “A Perda da Contemplação Serena e a Percepção Colaborativa num Piscar de Olhos”, de Alexandre Emerick Neves, apresenta uma extensa reflexão sobre as possibilidades de recepção crítica de trabalhos de arte em variados cenários históricos. Ao atentarmos para as condições de aparecimento e valoração da arte em diversos momentos e lugares, percebemos que termos recentemente replicados, como participação e colaboração, não seriam necessariamente antagônicos a contemplação, recepção e percepção.

Uma análise da reflexão crítica, tanto dos artistas quanto dos críticos de arte, mostra como as últimas décadas viram convergir concepções artísticas que demandam uma crítica atenta ao poder de comunicação e de revelação estética que determinados processos artísticos tomam. Até onde se estendem os (novos) limites de práticas participativas montadas em intrincadas condições geopolíticas e que extraem um eixo reflexivo em torno do “participante” como ferramenta e matéria, conforme exploração econômica configurada pelo sistema capitalista? Até onde se estende a fronteira do poder artístico e do limite ético do artista? Um tema polêmico em sua constituição e um dos focos de Angela Grandó em “Santiago Sierra – ‘Estética Remunerada’”.

Em “Ser ou Não Ser uma Nuvem: Ecos dos Assassinatos de uma Mosca”, de Rodrigo Hipólito, esses limites entre público, propositores, poder e sua ausência surge como uma “polifonia de vozes”, a qual abarca inúmeras espécies de agentes ou atores a engendrar movimentos de significação. Humanos ou não-humanos, os sujeitos emergentes no palco da comunicação atual encenam suas personas nebulosas. Se sempre fomos seres multifacetados, aprendemos lentamente como enxergar nossas várias faces e ouvir nossas muitas vozes.

Já em “E lhe foi mandado passar o presente diploma... (o grupo acre esteve aqui)”, Isabel Sabino, somos levados a perceber que os jogos de poder e legitimação revolvem a instituição Arte. Uma assinatura, uma outorga, um nome, uma digital. O reconhecimento da originalidade sombreia mesmo os paradoxos mais vanguardistas. Atravessar a instituição e guardar uma relíquia ao final da trajetória confere algum poder. Mas, “afinal, de que vale um diploma?” Quais os limites evidentes das “instituições arte”?

Todas essas implicações motivam a pensar numa nova participação do receptor no processo da obra. O movimento ativador da proposta de arte convoca sujeitos a integrar um processo produtivo. Melina Almada, em “Co-laborar: notas sobre o trabalhar juntos”, explicita que as diferenças significativas vistas na passagem desse fenômeno da galeria para o cotidiano conferem outro poder ao espectador (co)autor. O sujeito que vivencia a ação adquire outros níveis de responsabilidade e percepção do quadro no qual é inserido.

Em “A Experiência da Espera no Cinema de Fluxos Contemporâneo”, Erly Vieira Jr. atravessa analiticamente um conjunto de filmes que podem ser bem caracterizados pelo modo como envolvem o espectador numa vivência compartilhada com os corpos filmados. Arrastado por expectativas do Outro, o espectador se desloca por uma ponte temporal que, mais do que uma linha direta, realiza um abarcamento dos elementos que trabalham juntos para que o processo poético ocorra.

Mônica Zielinsky, em “Histórias da Arte Hoje: alguns apontamentos a partir de arquivos de artistas e de historiadores”, nos leva por um caminho de compreensão da relevância das “trocas” entre os agentes da produção artística e cultural para a distinção e também a difusão das fronteiras entre campos e sujeitos. Essas implicações nos motivam a pensar numa nova participação do receptor no processo da obra. As interessantes argumentações da autora nos impelem a uma interpretação mais detalhada da contemporaneidade.

Algumas tensões, dúvidas e surpresas das experiências de troca com o Outro, tão questionadas nas últimas décadas, podem ser encontradas no relato “A Experiência de Intervenção do grupo Pparalelo em Território Colombiano”, de Sylvia Furegatti. Percebemos que o foco nos processos é fundamental para tecer pensamentos sobre os atritos e frutificações decorrentes do contato entre propositores, público, territórios, imagens, cenários, objetos e técnicas. Em “A Paisagem em Linhas/Lines”, de Maristela Salvatori, acompanhamos as revelações de seu processo de concepção de trabalhos que desenvolvem olhares sobre o panorama urbano. Notamos que a sensibilidade e a recepção crítica esperados do público são também peças imprescindíveis para “o fazer” do propositor. Na troca de lentes, o tripé artista/trabalho/público tem suas funções, formas e qualidades transformadas em variáveis.

A cada tijolo posto na edificação do(s) mundo(s) da arte atual, percebemos que tal morada torna-se mais fluida e com paredes menos acabadas. A quantidade de janelas e portas surgidas dos esforços de análise e definições, que para muitos pode aparentar frustrante, nos mostra que palavras como especificidade e expansão não são inconciliáveis e talvez sejam mesmo irmanadas.

Das muitas entradas e saídas que os autores aqui apresentam, observamos que, ao pensarmos e discursarmos sobre trabalhos de arte, devemos exercitar a mesma delicadeza para com sua forma, seus conceitos, seus processos, seus públicos e seus locais. Talvez sempre tenha sido assim necessário. O que perdemos e o que ganhamos com as transformações que nos seguem ou nos surpreendem o empenho, a argúcia, a paciência e o abraço mais amplo a todas as formas de percepção e pensamento poderão nos mostrar. Destas páginas, ressaltamos essas características e convidamos os leitores a sublinhar aquelas que lhe sejam próprias.

Os Editores

SUMÁRIO

ENSAIO

- 9** A Recepção da Arte na Era da Pós-Arte
Dominique Chateau

ARTIGOS

- 17** A perda da contemplação serena e a percepção colaborativa num piscar de olhos
Alexandre Emerick Neves
- 34** Santiago Sierra - “Estética Remunerada”
Angela Grando
- 47** Ser ou não ser uma Nuvem? ou Ecos dos Assassinatos de uma Mosca
Rodrigo Hipólito
- 61** E lhe foi mandado passar o presente diploma... (o grupo acre esteve aqui)
Isabel Sabino
- 77** CO-LABORAR: notas sobre o trabalhar juntos
Melina Almada Sarnaglia
- 85** A experiência da espera no cinema de fluxos contemporâneo
Erlly Vleira Jr.
- 99** Histórias da arte hoje. Alguns apontamentos a partir de arquivos de artistas e de historiadores
Mônica Zielinsky

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

111 A Experiência de Intervenção do Grupo Pparalelo em Território Colombiano
Sylvia Furegatti

120 A Paisagem em Linhas/Lines
Maristela Salvatori

TRADUÇÃO

128 A Recepção da Arte na Era da Pós-Arte
Gaspar Paz, Ângela Grando e Cristina Moura

136 NORMAS DE PUBLICAÇÃO